REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	—$—	—$—

11.º ANNO — VOLUME XI — N.º 357

21 DE NOVEMBRO 1888

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

SUA ALTEZA O SENHOR INFANTE D. AUGUSTO DE BRAGANÇA

PRESIDENTE DOS JURYS DA EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA, COM UMA SECÇÃO AGRICOLA

(Segundo uma photographia de Fillon)

CHRONICA OCCIDENTAL

Terminámos a nossa ultima chronica deixando para hoje as ultimas novidades dos theatros portuguezes: as *Surprezas do divorcio*, o *Comboio de recreio* e o *Alfayate das senhoras*.

Estas ultimas novidades, sobre tudo as duas primeiras são dois dos maiores *successos* theatraes de Paris; a ultima, *Tailleur pour dames*, agradou muito em França, foi a estreia felicissima do seu auctor Georges Feydeau, filho do notavel romancista da *Fanny* Ernesto Feydeau, mas não teve *successo* comparavel com o das *Surprizes du divorce* e do *Train de Plaisir*, duas comedias que passaram de ha muito das suas 200 representações.

As *surprezas do divorcio* é uma comedia engraçadissima, feita com muita arte e escripta com muita verve por Alexandre Bisson, o auctor do *Deputado de Bombignac*, da *Rua da Paz 115*, do *Lyceu de meninas* e de outras comedias que tem tido em Paris grandes exitos de gargalhada.

O enredo é perfeitamente achado, e d'uma grande logica e verosimilhança dada a lei do divorcio.

Um homem casado divorcia-se de sua mulher por causa da mãe d'ella, que realisa em todo o seu horror o ideal terrivel da sogra.

Passa-se tempo, e o divorciado casa, em segundas nupcias, com a filha de um viuvo, que elle escolheu de proposito para não ter sogra no seu lar.

O pae de sua mulher parte em viagem de recreio depois do casamento da filha, e volta d'alli a mezes, mas volta casado.

E casado com quem? Com a primeira mulher de seu genro.

Vê-se d'aqui o poderoso effeito comico da situação, effeito tanto maior quanto a situação é perfeitamente verosimil e póde dar-se com toda a facilidade.

Um homem divorcia-se para fugir da sogra em geral e d'uma determinada sogra em particular. Casa com a filha d'um viuvo para não ter sogra e eis que esse viuvo casa e que o desgraçado se vê com sogra, ou antes com sogras, sogra a sua 1.ª mulher, e sogra a sua primeira sogra.

Achado este dado original humano e irresistivelmente comico, comprehende-se o que será a comedia desde o momento em que é feita por um mestre na arte de fazer rir, por um author que como Bisson figura na primeira plana dos authores humoristicos da França, ao lado de Gondinet, de Meilhac e Halevy de Valabregue, de Gouet Dancourt, Albert Millaud, de Emile de Naren, de Abraham Dreyfus, de Chivot e de Duru.

Apesar das suas francas maneiras de comedia, do tom de *charge* humoristico em que a comedia é feita, as *surprezas do divorcio* constituem uma critica profunda e certeira á instituição do divorcio, á lei do sr. Naquet. Com aquelles personagens, com aquelle enredo, com aquellas situações, podia fazer-se um drama, uma alta comedia, uma farça.

Bisson decidiu-se por este ultimo genero, pela farça, pela *charge*, pelo seu genero predilecto em que elle é magnifico, e d'ahi o fazer uma farça magnifica.

É é por isso, por ser uma farça, que a peça de Bisson causou certa estranheza no palco de D. Maria, e que destoa do reportorio d'aquelle theatro fóra da epoca carnavalesca, em que o reportorio por esse tempo, as *Surprezas do divorcio* teriam mais cabida.

Entretanto, desde o momento em que o theatro de D. Maria está entregue á exploração particular e que no contracto que fez o governo com a empreza não se fizeram restricções de generos, ou se se fizeram alcançaram apenas as operettas e as magicas, a empreza lançando mão d'esta peça de *successo* em Paris tratou dos seus interesses e não se deu mal com isso, porque as *Surprezas do divorcio* tem-lhe dado magnificas receitas, do mesmo modo que magnificas receitas lhe deu outra peça que tambem devia estar fóra do reportorio do primeiro theatro do paiz, — *O drama no fundo do mar*.

O publico importa-se pouco com as divisões de generos; o que quer é que os espectaculos lhe agradem, o divirtam e façam passar umas horas boas e alegres que elle vae procurar ao theatro.

As *Surprezas do divorcio* preenchem esse fim, dão-lhe o que elle quer, e por isso o theatro se enche todas as noites que se representa a famosa comedia de Bisson.

O desempenho das *Surprezas do divorcio* é muito bom, e por parte da actriz Carolina Falco é realmente magistral.

O papel de m.me Bonnivard, a terrivel sogra, é não só o papel mais notavel que Falco tem no seu reportorio, como tambem uma das creações mais completas e distinctas que n'estes ultimos annos se tem feito em Portugal.

A sr.ª Falco não carregou a mão na *charge*, deu-nos um personagem eminentemente comico, mas perfeitamente humano. Tudo n'esse personagem é magnifico; a caracterisação, o vestuario, os modos, os gestos, a expressão, o tom, uma individualidade completa, bem achada, bem estudada, e esplendidamente reproduzida.

Brazão, o notavel interprete do *Hamlet* e do *Othello*, passou de Shakspeare para Bisson, da tragedia para a farça, com uma extraordinaria maleabilidade de talento, e representou a comedia com um grande *entrain*, com naturalissima e expontanea veia comica.

Cesar de Lima é soberbo nas *Surprezas do divorcio;* Ferreira da Silva, um actor de grande futuro, faz com muita simplicidade, muita distincção, e com um bom humor de grande artista, um papel pequeno, de que tira grandes effeitos comicos.

Emilia dos Anjos desempenha excellentemente o seu papel de esposa transformada em sogra.

As *Surprezas do divorcio* agradaram deveras e estão dando enchentes ao theatro, e vá lá exigir-se logicamente d'uma empreza particular que não saia do genero perfeitamente litterario que deve corresponder ao 1.º theatro d'uma nação, quando é exactamente nos momentos em que elle sae d'esse genero, ou para o dramalhão, como no *Drama no fundo do mar*, ou para a *charge*, como nas *Surprezas do divorcio*, que ella ganha mais dinheiro, e que o publico concorre mais a esse theatro.

A Trindade, sahiu tambem do seu genero habitual; as operettas, com o *Comboyo de recreio*, uma comedia do Palais Royal, e das comedias de mais nome e de maior *successo*, não só em França, como tambem na Belgica, na Italia e no Rio de Janeiro, onde se está actualmente representando com extraordinario exito.

O *Train de plaisir* é uma das comedias mais engraçadas e movimentadas do moderno reportorio francez, feita por Hennequin, o famoso auctor do *Procés Veauradieux*, dos *Tres chapeus*, e dos *Dominós brancos*, que a morte roubou ha annos á França, e por Mortier, o celebrado *Monsieur de l'orchestre*, da *Soirée theatrale*, do *Figaro*, e que tambem já acompanha o seu collaborador no mundo mysterioso dos mortos.

O *Comboyo de recreio* é uma obra prima no seu genero, como o é o *Chapeu de palha d'Italia* e a *Viagem do sr. Perrichon*, e teve um *successo* triumphal em Paris, representando-se a seguir 170 vezes!

Na Trindade a peça teve o mesmo extraordinario exito de gargalhada que teve em Paris e que tem tido em toda a parte, e para nada faltar ao seu *successo*, até teve o arrastar de pés de quatro ou cinco pessoas, que se encarregam de chancellar com as suas solas todos os grandes *successos* da Trindade, o *Barba azul*, a *Angot*, e as *Almas do outro mundo*.

Este facto, que é perfeitamente authentico, e que se dá na Trindade com todas as peças de exito seguro, é muito original.

Quando n'aquelle theatro se dá uma peça nova, se essa peça tem grande agrado — a pateada vem logo rubrical-a, vem como que dar-lhe o bilhete para a sua viagem de 100 recitas.

Quando a pateada não apparece na primeira noite, chega quasi a ser mau signal.

Por exemplo: A *Cossaca* na primeira noite teve uma ovação sem protesto, os traductores foram chamados á scena, muitos applausos e nem um unico tacão. E sabem qual foi o resultado? A *Cossaca* não passou das 12 ou 15 representações!

O *Barba azul*, a *Angot*, e as *Almas do outro mundo*, de ha muito que passaram das suas centessimas com a chancella de pateada da primeira noite.

O *Comboyo de recreio* vae pelo mesmo caminho.

E apesar de ter de ser interrompido logo depois da segunda representação, por causa da doença do actor Augusto, e estar retirado tres noites emquanto o actor Cardoso estudava o papel para o substituir, na terceira noite que se representou teve uma enchente extraordinaria e um *successo* enorme, e lá vae continuando brilhantemente a sua carreira entre applausos e gargalhadas.

Assim como assim esta chronica vae toda de theatros; temos ainda o theatro de S. Carlos que nos deu duas operas novas, uma das quaes teve um grande e justissimo *successo*, o *Ruy Blas* e o *Fausto*.

A de *successo* foi o *Fausto*.

O *Ruy Blas* agradou em parte, mas já pela mediocridade da musica, já por deficiencia de *mise-en-scène* e de harmonia no desempenho, não teve o que se chama um *successo*, apesar do notabilissimo desempenho de Battistini e de Eva Tetrazzini.

O *Fausto*, porém, teve um *successo* a valer; e *successo* cujas honras cabem em primeiro logar á sr.ª Tetrazzini.

Esta distincta cantora, que tanto nos agradou na *Aida* e no *Trovador*, surprehendeu-nos absolutamente na Margarida do *Fausto*.

Apesar de estar ainda na memoria de todos nós a excepcional Margarida da Fidès Devriés, Eva Tetrazzini conseguiu deslumbrar-nos positivamente com as maravilhas do seu canto e arrancar a cada nota bravos unisonos e enthusiasticos.

É perfeitamente prodigiosa de talento e de arte a formosa artista n'esse papel.

Logo á entrada, a phrase na *kermesse* produziu uma tempestade de applausos, e todo o 3.º acto, o acto do jardim, foi um verdadeiro deslumbramento.

A *aria das joias* nunca a ouvimos assim cantar com tanto colorido, tão primorosamente *nuancée*.

Na *Aida* e no *Trovador* tinhamos visto que Eva Tetrazzini era uma cantora distinctissima; no *Fausto* vimos que é uma grande artista.

Battistini é admiravel e magnifico na parte de Valentim, e nas recordações gloriosas do *Fausto* o nome do celebre barytono juntar-se-ha ao lado dos nomes de Squartia, de Pandolphini e de Devoyood.

O tenor Degenne agradou-nos muito na parte de Fausto, que cantou com grande correcção e intelligencia.

Agora está a chegar a Pasqua e o tenor De Bergi, e d'aqui a semanas a Van-Zandt, e não se póde dizer com razão que nos vá correndo mal a época lyrica.

E para terminar, uma noticia agradavel para todos os portuguezes.

No dia 19 regressaram a Lisboa, depois d'uma longa ausencia, Sua Magestade a rainha D. Maria Pia e Sua Alteza o infante D. Affonso.

É conhecido o itenerario da viagem que Sua Magestade fez pela Italia, Austria, Allemanha, França e Hespanha, viagem em que gosou sempre da melhor saude, e em que foi acolhida por toda a parte — apesar de viajar incognita — com toda a respeitosa sympathia que impõem as suas altas qualidades de rainha e de mulher.

A chegada de Sua Magestade a rainha, do mesmo modo que tinha sido a chegada d'el-rei, foi um dia de festa para o paiz e para a população de Lisboa, que correu ás ruas por onde passava Sua Magestade, a vel-a e a saudal-a pelo seu feliz regresso.

Juntamos respeitosamente as nossas boas vindas, ás que todo o paiz deseja á illustre soberana.

Gervasio Lobato.

O SENHOR INFANTE D. AUGUSTO

PRESIDENTE DOS JURYS DA EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA

Damos o retrato do senhor infante D. Augusto, Duque de Coimbra, presidente dos jurys da Exposição Industrial, para significar de um modo indiscutivel a nossa imparcialidade — isto é: principe ou homem do povo, todos aqui têem logar quando bem mereçam da nação — e somos imparciaes porque não nos move o applauso á qualidade hierarchica do individuo, para affirmarmos que elle tem juz á nossa admiração, ao nosso apoio, quando, desprendendo-se dos liâmes do *dolce far niente* da vida aristocratica, evidencia ser um homem util á sociedade, devotado á nação, e enthusiasta pelo paiz em que nasceu.

E é assim que nós, apontados como indomaveis intransigentes, não duvidamos prestar homenagem a quem, principe ou simples operario, con-

quistou o cognome de cidadão bemquisto, pelos seus serviços e dedicação civica.

Os que estão habituados a lerem o que escrevemos sabem que nunca nos dominou a imposição do fausto nem do bezerro de ouro, e é por isso que vimos aqui hoje prestar preito a quem de direito o conquistou pelo trabalho intelligente, e pelo cultivadissimo estudo.

E, com dôr o dizemos, tão acanhado é o *nosso meio*, que se não crê em que possa haver admiração sincera por alguem, quando a sorte o collocou na carreira superior dos eleitos, dos principes!

Depois do que temos dito ninguem de espirito culto nos póde accusar de cortezãos, antes de liberaes independentes—ao dizermos aqui que o senhor duque de Coimbra bem mereceu da nação pelos seus serviços a Portugal.

E quaes foram estes serviços?

É facil a resposta. Por carta régia de 29 de setembro de 1871, foi mandado o sr. Duque de Coimbra apresentar-se ao governador geral do estado da India, afim de alli ser empregado no serviço que as circunstancias o exigissem. Assim o fez sua alteza em 10 de dezembro do mesmo anno de 1871.

Consta das notas officiaes que o senhor D. Augusto, irmão de sua magestade el-rei, regressou a Lisboa em 23 de março de 1872, *tendo cumprido o serviço com muito proveito do Estado*, porque, ao muito respeito e amor dos povos da India pela augusta pessoa de sua alteza, se deve attribuir a solução pacifica da reforma executada. N'este, transe, o senhor infante D. Augusto mostrou em todas as occasiões que se lhe facultaram um verdadeiro ardor civico, sempre conducente a appoiar o principio da Auctoridade Nacional, o que muito fortaleceu as disposições ordenadas pelo governador geral da India, general Joaquim José de Macedo e Couto.

Na expedição á India, em 1871, o duque de Coimbra levou comsigo dois ajudantes de campo, e elles podem dizer do resultado benefico d'esta expedição, que está affirmado nas ordens do Exercito de 1872.

Sua alteza que, segundo o Almanak de Gotha «um verdadeiro repositorio genealogico das familias reinantes da Europa» tem o nome de D. Augusto Maria Fernando Carlos Miguel Raphael Agricola Francisco de Assis Gonzaga Pedro de Alcantara Loyola de Bragança Bourbon Saxe-Coburgo Gotha,—é infante de Portugal, Duque de Coimbra e par do reino; tem quarenta e um annos de edade pois nasceu a 4 de novembro de 1847, no paço das Necessidades; assentou praça no exercito nacional em 22 de agosto de 1855, foi despachado alferes; promovido a tenente tres annos depois, foi elevado a capitão em 17 de março de 1862; a major em 29 de setembro de 1863; a tenente coronel em 31 de outubro de 1866; a coronel em igual dia do mesmo mez de 1869; a general de brigada em 9 de junho de 1870; e a general de divisão em 16 de agosto de 1883.

Em 21 de maio de 1884, por carta régia, foi nomeado commandante interino da brigada de cavallaria de instrucção e manobra. E a 31 de outubro, do mesmo anno, tendo Sua Magestade El-Rei em muita consideração as conveniencias do serviço publico e o distincto merecimento e mais circumstancias que concorriam na pessoa do general duque de Coimbra, nomeou-o, acertadamente, inspector geral da cavallaria do exercito continental

E dizemos *acertadamente*, porque na verdade Sua Alteza Serenissima, ha demonstrado conhecimentos notavelmente superiores em assumptos hipicos, evidenciando-se como um dos primeiros creadores de gado,—o que é facil demonstrar, visitando a primorosa caudellaria da quinta da Amora, proximo do Seixal, na margem do Tejo.

Este facto, o de Sua Alteza ser um dos mais distinctos creadores de gado cavallar em Portugal, indicou-o muito naturalmente para presidente dos jurys da brilhante exposição pecuaria de Val de Pereiro, em 10 de junho do corrente anno, e alli, o senhor Duque de Coimbra, foi um dos expositores mais premiados, pelo aprimorado e excellencia dos exemplares de raça cavallar que n'aquelle certamen apresentou.

Temos até aqui notado o homem intelligente, estudioso, e o militar cheio de garbo e ardor marcial, não duvidando, para cumprir o seu dever de militar, em deixar a patria que o viu nascer, a familia que o estremece, o povo que o respeita e estima.

Fallemos agora do principe, do fidalgo Duque de Coimbra.

Quem logrou a distincção de lhe fallar, sabe quanto elle é affavel para com os humildes. Distincto, delicado e *homme d'esprit* com as damas, continuando assim as tradicções de seu augusto pae, o saudoso e popularissimo rei D. Fernando. Não ha ninguem que de Sua Alteza se aproxime sem que fique captivo pela modestia, simplicidade e lhaneza do trato d'este nosso principe.

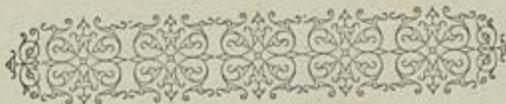
Terminando, lamentamos que a pobreza do nosso estylo não attinja bem o alvo da sincera expressão da nossa homenagem ao serenissimo infante D. Augusto, que tão bem tem a estima e conquistado o respeito de todos que sabem apreciar as suas altas qualidades de espirito e coração.

Não somos cortezãos, ou, como vulgarmente se diz, *palacianos*, não vivemos nos paços, nem nunca nos embrenhámos nos meandros da politica, por isso dizemos desassombradamente o que pensamos e sentimos.

Repetimos o nosso lemma—principe ou operario, o nosso respeito, o nosso applauso, a quem trabalha em prol da regeneração patria e da revivescencia da nacionalidade portugueza—e é assim que entendemos a missão do jornalista.

A direcção do OCCIDENTE, que de nós fiou o encargo sympathico de prestar justiça a quem a conquistou, dir lhe-hemos que foi tão do agrado do nosso espirito esta missão, que não sabemos bem se, n'este momento, nos domina o espirito a satisfação do preito devido, ou o desvanecimento de ser lembrada a nossa humilde pessoa para tão agradavel incumbencia.

A Sua Alteza o Senhor infante D. Augusto podemos dizer-lhe, em nome do paiz que trabalha, que em nenhuma outra occasião o Senhor infante mereceu mais justamente o applauso popular.

M. B.

AS NOSSAS GRAVURAS

O VESTIDO DA NOIVA

QUADRO DE J. R. CHRISTINO

Proseguindo na publicação de alguns quadros, que fazem parte da secção de Bellas-Artes da Exposição Industrial Portugueza, apresentamos hoje aos nossos leitores, um quadro do sr. João Ribeiro Christino, collaborador artistico do OCCIDENTE, e que denominou *O vestido da noiva*.

Á primeira vista não se percebe bem a razão d'este titulo, mas reparando no ajuntamento que as mulheres fazem á janella da costureira, fitando curiosamente o vestido que esta está costurando, facilmente se comprehende que aquelle vestido tem alguma cousa de especial, para tanto chamar a attenção d'aquella gente da aldeia, pois percebe-se bem que a scena se passa no campo.

É o vestido da noiva.

Da Maria ou da Engracia que vae casar com o João ou com o Manuel; um casamento na aldeia, caso sempre importante e fallado, que desperta a curiosidade dos velhos e as invejinhas dos novos.

Alli mesmo, á aquella janella, n'aquelle grupo que tanto parece interessar-se pelo pobre vestido, cruzam-se ditos desdenhosos, impertinentes sobre os merecimentos da noiva e do seu vestido, não escapando tambem o noivo, e quando se realisar o casamento, já todos da terra sabem de que côr é o vestido, os enfeites que tem, quem o fez, quanto custou, se a noiva o comprou com o seu dinheiro, ou se foi a mãe, a madrinha ou quem lh'o deu.

Depois a critica; é bonito, é feio, teve bom gosto, teve mau gosto, é muito reles, pois não é? Foi comprado em Lisboa. E com estas frioleiras vão entertendo o seu pobre espirito limitado ao pequeno circulo em que vive.

Tudo isto nos suggere o quadro que temos presente, um dos melhores do sr. Christino, cujos progressos na pintura são incontestaveis, revelando estudo e intelligencia pouco vulgares.

GENERAL JOSÉ JOAQUIM DE CASTRO

NOVO MINISTRO DA GUERRA

Por decreto de 15 do corrente foi concedida ao sr. visconde de S. Januario, ministro da guerra, a demissão que pediu d'este cargo, demissão em que ha muito se fallava nos circulos politicos, e estava prevista desde que os membros do actual gabinete não estavam de pleno accordo com sua excellencia, sobre as reformas que queria fazer no seu ministerio.

Para ministro da guerra foi nomeado por decreto da mesma data acima referida, o sr. conselheiro José Joaquim de Castro, general de brigada, par do reino e lente da escola do exercito.

O novo ministro já desempenhou egual cargo em 1880, entrando para o ministerio por decreto de 29 de novembro, sahindo em março do anno seguinte com a demissão do gabinete progressista.

Então, como agora, o sr. Castro entrou para o governo, muito instado pelos seus collegas, e para satisfazer ás exigencias da politica do seu partido, de que elle é um dos mais distinctos membros, tanto pelas suas excellentes qualidades pessoaes, como pelos seus vastos conhecimentos scientificos, que o habilitam para as mais importantes commissões officiaes.

O sr. conselheiro José Joaquim de Castro, tem 63 annos de idade, pois nasceu em 1825, e desde 1842 que pertence ao exercito, á arma de engenheria, e foi promovido a general de brigada por decreto de 15 de julho de 1885.

Durante os 46 annos de serviço no exercito, tem desempenhado innumeras commissões, além do seu cargo de lente proprietario da 2.ª cadeira da escola do exercito. Essas commissões são outros tantos motivos de louvor para o sr. Castro, pela maneira porque se desempenhou d'ellas.

Modernamente foi nomeado presidente da commissão para regular as leis de accesso e reformas no exercito, por portaria de 1 de setembro de 1886, e presidente da commissão de organisação dos estudos da escola do exercito, por portaria de 31 de dezembro do mesmo anno.

Não faltam ao novo ministro da guerra precedentes honrosos que lhe dêem toda a auctoridade moral que é precisa em tão elevado cargo, e por isso a sua entrada no actual ministerio é bem recebida pelo publico e pelos partidos, porque sua excellencia tem sympathias geraes, mesmo entre os seus adversarios politicos.

OS BANHOS DO ESTORIL

Representa a nossa gravura o estabelecimento de banhos thermaes do Estoril.

Documentos antigos attestam que desde ha muitos annos é conhecida a virtude curativa d'estas aguas; é certo porém que durante longo tempo as más condições dos banhos se oppuzeram ao seu desenvolvimento, até que em 1880 o actual proprietario o sr. José Vianna da Silva Carvalho inaugurou o novo estabelecimento que a gravura representa.

Melhor do que qualquer descripção dá ella ideia do aspecto exterior do edificio.

Uma breve mas larga escadaria dá accesso a tres amplas portas de entrada que conduzem sobre um vasto atrio ladrilhado a mozaico. Por dois lanços d'escada se desce d'aqui ao jardim interior, collocado sob uma elevada cupula envidraçada, especie de estufa á temperatura da qual se desenvolvem, cheias de viço e vigor, as bananeiras, as dracœnas, as yuccas e outras plantas de rica folhagem.

É aos lados d'este jardim que se abrem as portas dos quartos de banhos, onde a agua se lança em jorro abundantissimo sobre magnificas tinas de marmore.

O estabelecimento abriu em 1880 com dez quartos; mas a concorrencia, sempre crescente desde então, já obrigou o proprietario a um novo alargamento. Hoje são 15 os compartimentos e decerto não tardará que se tornem precisas novas ampliações, sobre tudo quando se abrir á exploração o caminho de ferro de Cascaes que faz uma estação mesmo em frente do estabelecimento thermal.

A applicação especial das aguas é a cura das doenças de pelle; mas alguns facultativos, entre os quaes mencionaremos o dr. Antonio Maria Barbosa, as aconselham tambem contra o rheumatismo.

Muitos casos notaveis de cura poderiam citar-se, se o espaço não faltasse, e não fosse quasi inutil encarecer qualidades consagradas por uma fama já bem notoria, apesar do completo silencio que a *réclame* tem guardado em torno d'estes banhos.

Na impossibilidade de aqui lembrar as centenas de casos de cura, indiquemos alguns, que maior sensação produziram.

Em 1865 a sr.ª Condessa de Castello Branco foi pela primeira vez experimentar estas aguas: ia litteralmente coberta de dartos. Repetiu o tratamento na estação seguinte, mas em 1867 não voltou já por se achar completamente restabelecida.

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA COM UMA SECÇÃO AGRICOLA

SECÇÃO DE BELLAS-ARTES

O VESTIDO DA NOIVA — Quadro de J. R. Christino

(Desenho do mesmo auctor)

Egual resultado conseguiram Francisco da Costa Amaral, Moura Coutinho, o barão da Trovisqueira, D. Pedro Morales y Romero, D. Emilia Romero Falcon, e tantos outros que, principiando o tratamento n'um estado doentio, de agudeza bem visivel, se acharam ao cabo de dois ou tres annos completamente curados.

Outro caso notavel e bem recente, este. O rev.° conego Carvalho, do seminario de Santarem, principiou o seu tratamento na estação de 1887: ia em tal estado, que só de cadeirinha podia conduzir-se ao banho. Na ultima estação voltou, mas tão consideravelmente melhorado que todos os domingos dizia missa á colonia do Estoril.

Esta é porém a população fluctuante, a que só vae em busca da virtude das aguas e que, uma vez curada, deserta ingratamente; mas a par d'essa e muito mais numerosa, afflue a população elegante e sadia, que já hoje encontra habitações commodas e modernas onde se aloje e que é attrahida pelos deliciosos banhos de mar, pela belleza dos passeios, pela pureza d'uma atmosphera feita das correntes vindas do oceano, das emanações do matto, dos eucalyptos e dos pinheiros.

O Estoril fica a 25 kilometros de Lisboa, e a 2 kilometros de Cascaes. Servido pela estação d'um caminho de ferro que deve inaugurar-se no proximo anno, ficará apenas a 30 ou 40 minutos de Lisboa.

O estabelecimento nascente do *Mont'Estoril* que se annuncia pomposamente e que fica distante apenas meio kilometro, constituirá de certo um novo attractivo para esta estação. E de proposito fallamos no attractivo, excluindo qualquer ideia de rivalidade, porque uma coisa constituirá sempre a superioridade incontestavel do Estoril sobre as estações visinhas: é a riqueza d'estas aguas medicinaes, riqueza que a natureza concede generosa e gratuitamente quando quer, mas que a vara d'ouro dos mais millionarios Moysés da finança será incapaz de fazer brotar das rochas do Mont'Estoril.

GENERAL DE BRIGADA, JOSE JOAQUIM DE CASTRO, Novo Ministro da Guerra

(Segundo uma photographia)

MUSEU DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

O museu da universidade de Coimbra é o mais vasto estabelecimento do seu genero que se encontra em Portugal, e se a riqueza das suas collecções não corresponde completamente á grandeza da fabrica, é porque os recursos pecuniarios de que dispõe lhes não permitte augmentar o seu cabedal.

Data a sua fundação de 1772, anno em que se reformaram os estudos da universidade.

Este sumptuoso edificio, dependente da universidade, ergue-se na Praça do Museu. A fachada principal mede cêrca de 100 metros de comprimento por 15 de altura, tendo vinte e nove janellas no pavimento nobre. Tres d'estas janellas são de sacada e formam um corpo central, dividido do resto por pilastras e rematado com um frontão triangular, ao centro do qual avultam em relêvo esculpturas emblematicas das sciencias.

No pavimento inferior tem vinte janellas e nove portas, e superiormente remata o edificio uma balaustrada de cantaria, intervalada de pilastras sobre que assentam urnas, tambem de pedra.

É de architectura severa e pesada, como todos os edificios d'aquella época.

Tem grandes salas no pavimento nobre, magnificamente adornadas, onde se vêem as exposições das sciencias naturaes e seus apparelhos. E n'este pavimento que funccionam as aulas de philosophia em uma sala com grande amphitheatro.

OS BANHOS DE ESTORIL (Segundo uma photographia do photographo amador sr. Antonio Bello Junior)

No salão de entrada vêem-se pendentes das paredes os retratos da rainha D. Maria I e de D. Pedro III seu marido. Ao lado direito d'este salão está o gabinete de physica, rico de instrumentos d'esta sciencia. Do lado esquerdo estão as salas de historia natural onde se vêem magnificas collecções.

Segue-se a sala de zoologia, a maior de todas, com o comprimento de 99 metros e 9 de largura, e que está completamente cheia de exemplares valiosos.

A livraria occupa duas grandes salas, e n'ella figuram além de copiosa collecção de livros de sciencia, historia e litteratura, magnificos classicos que pertenceram ás bibliothecas de alguns conventos.

Encontram-se ainda no museu umas galerias de construcção posterior, em que se acham estabelecidas a exposição de fosseis, gabinete de anatomia comparada, e collecção de antiguidades historicas, em que se vê grande porção d'armas, um formidavel ferrolho, que era da porta do castello de Coimbra, e outras curiosidades.

A collecção conchyologica é muito importante e foi enriquecida com 104 especies, offerecidas por D. Pedro V, que, como se sabe, era muito dedicado ao estudo das sciencias.

No pavimento inferior encontram-se o theatro anatomico, o gabinete de anatomia pathologica, gabinete de chimica, gabinete de microscopia e dispensa pharmaceutica, onde se fabricam, em grande quantidade, os medicamentos para os hospitaes da faculdade de medicina.

Esta grande pharmacia constitue a escola pratica para os pharmaceuticos.

O theatro anatomico, que foi muito melhorado pelo dr. Carlos José Pinheiro, possue uma excellente collecção de cabeças para estudo, que lhe foi legada pelo commendador Gama Machado. Junto ao theatro anatomico fica a aula de anatomia descriptiva e de tocologia.

Em ambas as aulas ha exemplares magnificos para estudo e entre estes uma collecção muito perfeita de peças anatomicas, em cera, obra de Mr. Vasseur.

No gabinete de microscopia vêem-se os mais perfeitos e modernos instrumentos d'esta especialidade, e que tem sido adquiridos para o museu, pelo sr. dr. Costa Simões, cujos trabalhos scientificos são bem conhecidos no paiz e no estrangeiro.

Na rapida noticia que deixamos d'este estabelecimento scientifico de Portugal, não nos permittiu o espaço mais minuciosa descripção, entretanto fica dito o sufficiente para se avaliar da sua importancia, que o põe a par dos melhores estabelecimentos scientificos do estrangeiro.

O REFUGIO DA INNOCENCIA

O sol, já no poente, doirava a cidade d'uma luz suave, pondo nos vidros d'algumas janellas, nos pontos mais altos, reverberos intensos, como fornalhas accesas.

Na amendoeira proxima, os pardaes começavam a reunir-se, n'uma chilreante algazarra, buscando o poiso habitual da noite.

Espreitando por entre as vidraças entreabertas, ella vigiava a rua, á espera, evidentemente, d'alguem que não poderia tardar.

Denotava-se na sua physionomia uma grande impaciencia; até que de repente, fechando a vidraça, e correndo os estores, se dirigiu á porta da escada, que abriu, puchando ao mesmo tempo pela argola o cordel que servia para abrir a porta da rua.

D'ahi a instantes entrava um rapaz que ella recebia affectuosamente, no topo da escada, estendendo-lhe a mão familiarmente, e conduzindo-o á sala.

Uma modestissima sala: esteirada; com moveis de reps escuro; uma meza ao centro coberta com um panno de veludo; ao meio da parede mais larga um piano aberto, com folhas de musica espalhadas sobre o tampo; um retrato d'homem novo suspenso sobre o sophá; uma pequenina moldura, logo a baixo, com a photographia d'uma creança de um anno; por entre os cortinados da janella, uma gaiola de arame com um «bico de prata», muito negro, que se despedia do sól com uns trinados agudos e vibrantes.

Em toda a casa reinava um profundo silencio; estavam evidentemente sós.

Sentados no sophá, olharam-se os dois, por momentos, a sorrir, e elle pegando-lhe na mão, e apertando a entre as suas, disse-lhe:

—Obrigado! bem distante eu estava de suppor que lhe mereceria esta ventura.

Ella sorriu-se, mas no seu sorriso havia uma amargura que elle estava bem longe de poder interpretar.

—Como o acaso realisa, ás vezes, o que toda a nossa vontade, todo o nosso desejo nunca conseguiu alcançar!

E fitando-a muito, nos olhos:

—Lembra-se?

—Lembra-me muito bem; e tel-o aqui é a prova de que me não esqueci nunca.

—Agradeço-lhe do fundo da minha alma! tanto mais que faz n'isto sacrificio e se expõe muito por minha causa...

—Nem uma, nem outra coisa...

—Pois não está casada?...

—Sim... e não!... Mas fallemos de nós, e deixemos para mais tarde os pormenores do que tem muito tempo para saber.

E como o visse olhar para ella, como quem não comprehende a situação, continuou:

—Acaba de chegar de fóra; não admira que ignore muita coisa que se tem passado na sua ausencia. Mas não é para eu o instruir n'esse ponto que veio aqui, pois não é verdade? É para me repetir o que me disse hontem, nos rapidos momentos em que tive o prazer de estar comsigo.

—Oh! sim! é para lhe dizer que a amo; para lhe dizer que nunca mais se me apagou do coração a memoria de tudo que se passou na nossa mocidade, e que, se não se converteu n'uma felicidade real e absoluta... foi por culpa sua.

—Sim, por culpa minha; ou antes pela fatalidade d'um destino que tinha de se cumprir.

Teriamos sido felizes se casassemos, como tanto pareceu ter desejado? Tel-o-ia eu, sobre tudo, feito feliz? Não creio; trago comigo a sina de infelicitar todos que de mim se aproximam, começando por cavar, cada vez mais funda, a minha propria desventura. Além de que eu sentia que o não amava a ponto de poder tomar sobre mim a responsabilidade do seu destino; fui atraz d'um sonho que melhor me sorria na sua falaz miragem.

—É pois muito infeliz? deram-se na sua vida factos que a levam a reputar-se desgraçada?

—Contar-lh'os, seria revolver todo um passado que eu desejo esquecido, tanto quanto desejaria tambem ver apagado o presente. Mas fallemos de nós; d'essa doce visão que vejo que verdadeiramente o interessou, por que acredito na sinceridade do seu affecto. Fez mal em se prender a elle, por essa fórma; em repudiar a felicidade que outra mulher mais... mais digna do que eu lhe poderia ter dado.

—É severa de mais no modo de a si propria se julgar.

—Encontra-me no fim de uns poucos annos de ausencia; procura-me, estende-me os braços, com o mesmo affecto e a mesma dedicação, sem tratar de indagar nada, sem tratar de colher a meu respeito outras informações além das que lhe haviam fornecido o meu viver de creança, descuidada, inexperiente, e feliz! Nem sabe o bem que me fez, nem imagina a alegria que me trouxe. É tão bom termos no passado alguma coisa onde repousarmos o espirito e retemperarmos o coração!

—Mas se se sente tão infeliz, e se acredita na sinceridade do meu affecto, alguma coisa haverá que eu possa fazer para tornar menos dolorosa a sua existencia.

—Nada! absolutamente nada!

—Ás vezes... as luctas materiaes....

—Não se trata d'isso...

—Vive com seu marido?

—Não.

—Elle está em Lisboa?

—Está a muitas leguas d'aqui.

—Vivem separados, n'esse caso?

—Sim.

—Divorciados?

—Não. Seria necessario um processo judicial; e isso podia separar-me de meu filho.

—Seu filho?

—Ahi tem o seu retrato, de ha dois annos. Elle ergueu-se para o ver melhor.

—Pobre creança! Tem hoje...

—Tres annos.

—E não vê seu pae...

—Ha perto de dois.

—E o pae vive satisfeito com a ausencia do filho!...

—Não o condemne; tem muitos defeitos, mas esse não.

É pae extremosissimo, como seria tambem excellente marido, se soubesse, ou se... podesse. Nem eu podia dar-lhe a felicidade, nem elle a mim; havia entre nós incompatibilidades de educação, de temperamento, e de caracter. Mas pae extremoso foi, e tenho a certeza de que empregaria todos os meios para chamar a si o filho, se o não prendesse um resto de compaixão por mim. Mas faço eu bem em o ter comigo?... a verdade porém é que só a idéia de o ver arrancado á minha existencia me apavora... Antes mil vezes a morte!

—Mas quem se atreveria a tirar-lh'o?

—Por elle, estimaria comtudo que o podessem fazer.

—Ha então um grande mysterio na sua vida?

—O mysterio de toda a mulher que, não encontrando no casamento a felicidade que sonhára, nem na sua razão e no seu caracter a força necessaria para resistir, se acha em breve praso fóra de todas as leis sociaes e de toda a salvação moral.

—Considera-se então n'essas circunstancias?

—Não me considero, encontro-me n'ellas, fatalmente condemnada, e confesso-lh'o, n'uma hora de lucidez, já hoje tão raras na minha vida, que para não padecer, necessito de converter n'uma como que embriaguez constante!

—Seria exigir muito o pedir-lhe que me désse uma partilha nas suas maguas...

—A mim é que me cumpre levantar aos seus olhos uma ponta do veu escuro que cobre a minha triste existencia. Apenas uma ponta, por que se a desvendasse toda, provocaria no seu espirito, em vez da misericordia de que necessito, o tedio que me arredaria da sua estima.

—Meu Deus! como a venho achar pessimista!

—Convém que saiba um pouco quem é a creatura que hoje veiu encontrar, depois de tantos annos, tão outra do que a havia conhecido. Quando partiu para o estrangeiro deixou-me solteira, não é verdade? Pois dois annos depois estava casada. Um visinho, então estudante de medicina, prendera-me o coração, á força de dedicação e de solicitudes. Encontrava-me com elle frequentes vezes em casa de uma parenta minha, e eu, que a mim propria me conhecia como a creatura mais voluvel, mais caprichosa, mais inconstante nos meus sentimentos, surprehendia-me presa por um affecto que julguei bastante para me encher a vida! Casamos em maio, na primavera, e em vez de ir-mos passar burguezmente a lua de mel a Cintra, fomos viajar a Italia. Alli encontramos um contemporaneo de meu marido, medico tambem, já estabelecido em Lisboa, e com boa fama, que fôra ao estrangeiro estudar doenças nervosas. Dedicação de amigo, ou proposito de votar mais uns dias á sua excursão, onde não era de todo despresada a parte deleitante, o caso é que elle retardou o seu regresso a Portugal, acompanhando-nos sempre, e voltando depois definitivamente comnosco. Era um excellente companheiro de viagem, e aquella approximação deu-lhe o direito de se constituir, de motu proprio, o medico de nossa casa, e mais de que medico, um amigo assiduo e dedicado.

No fim de um anno, os enthusiasmos de meu marido haviam arrefecido; os serões que costumava passar comigo, ora em casa, ora no theatro, passava-os agora fóra, quasi sempre, deixando-me muitas vezes só com o amigo, a jogarmos o *casse-tête*. Interessante divertimento para uma rapariga de desoito annos, não é verdade? Mas toda a minha natureza vivia n'uma grande pacificação, que começava agora a ser perturbada pelo desgosto de me ver assim, tão cedo, esquecida pelo meu marido. Esquecida, sim! pois outra coisa não era o quasi abandono em que me encontrava. A pouco e pouco vim ao conhecimento de que meu marido jogava, e, o que foi peior de tudo, entrou em mim a suspeita de que se entretinha com outras mulheres.

E eu só, horas inteiras com um homem moço e intelligente, que sob a fórma do mais absoluto respeito, augmentava de silicitudes e attenções, á proporção que me via desamparada e ferida. Eu era amiga d'elle.

Um dia veiu encontrar-me a chorar, extremamente nervosa e irritada; a ambição unica da minha vida era adquirir a certeza sobre se meu marido tinha ou não outros affectos; ao passo que me pungia a idéia de que isso podesse ser, sorria-me a esperança de que não fosse verdade. E sendo assim, tudo lhe saberia perdoar!

Vendo entrar a habitual visita, busquei serenar-me; elle porém olhou para mim dentro dos olhos, com um olhar longo e insistente, e acabou por me dizer:

—Ha dias que assisto á lucta que vae n'esse espirito; hoje encontro-a n'um momento de crise dolorosa; vejo que está padecendo muito... e que ao mesmo tempo, apesar da certeza de que tem junto de si um amigo, lhe não communica um

unico dos seus pensamentos, uma só das ideias que a fazem soffrer.

Pareceu-me sincero; estendendo-lhe a mão, reconhecida, disse-lhe:

—Communicar-lh'o, para que? O que poderá fazer para minorar o meu soffrimento?

E elle segurando-me na mão, e beijando-a sofregamente, pronunciou, ajoelhado a meus pés, estas palavras que eu ainda sinto escaldar-me os ouvidos:

—Tudo que póde fazer um homem que a ama doidamente e que está resolvido a obedecel-a em tudo que ordenar que elle faça.

Esta scena inesperada atordoou-me por momentos, e não sube o que havia de dizer: instantes depois, erguendo-me severamente, lembra-me ter-lhe dito:

—A sua presença n'esta casa torna-se, d'ora avante, impossivel; nem desejo proporcionar-lhe ensejo de ser mais uma vez traidor a um amigo, nem sujeitar-me á necessidade de defender, contra um homem que elle suppõe seu affeiçoado, a sua honra que é tambem minha.

Elle respondeu-me com um sorriso; e pegando no chapeu, retorquiu singelamente:

—Pena é que elle proprio a não respeite, arrastando-a pelos lupanares.

—Prove-o! bradei, já fóra de mim.

—Quando V. Ex.ª quizer.

—Ainda hoje, se é possivel.

—Pois seja. É porém necessario que se sujeite a acompanhar-me á hora que eu lhe indicar.

—Farei tudo que fôr preciso.

—Pois até logo. Cerca da meia noite estará á sua porta uma carroagem.

Eram perto de tres horas de espera, que eu passei, agitada, impaciente, devorada da febre. Com os incommodos dos primeiros mezes da gravidez, a minha saude achava-se abalada; havia dias que me sentia muito prostrada, vencida pelas primeiras surprezas dolorosas da maternidade. Mas a scena que se acabava de dar, excitára-me por tal fórma, que me lembra ter passado as longas horas de espera, a cruzar, a passos largos, a vasta sala, andando assim o espaço de muitas leguas, n'uma grande agitação febril, e quasi allucinada.

Pouco passava da meia noite, quando senti á porta o rodar d'uma carroagem; envolvi a cabeça n'um veu, e desci. Abriram-me de dentro a portinhola, e entrei; a portinhola fechou-se com o movimento d'um braço que vi passar na minha frente; e a carroagem rodou. O mesmo braço descia em seguida os stores, e eu reconhecia estar dentro de um estreito *coupé*, áquellas horas da noite, na companhia do amigo de meu marido, do homem que horas antes me acabára de fazer, por uma fórma desusada, declaração do seu amor.

(Continua) *Christovam Ayres.*

RESENHA NOTICIOSA

Dr. José Barbosa Leão. Falleceu na cidade do Porto no dia 13 do corrente o dr. José Barbosa Leão, cirurgião militar, e muito conhecido agora pela sua reforma da ortographia portugueza, que lhe mereceu a mais incansavel dedicação em a fazer adoptar, sem comtudo chegar ao seu fim desejado. Barbosa Leão nasceu a 15 de outubro de 1818. Estudou medicina na escola medica do Porto, e, em 1841, entrou para cirurgião do exercito, servindo em differentes corpos. Tendo-se envolvido na revolução da Maria da Fonte, seguiu a divisão do conde das Antas, mas ficou presioneiro em Torres Vedras, sendo conduzido para bordo da fragata *Diana*, onde esteve seis mezes. Quando terminou a revolução, pediu licença e foi para o Brazil, demorando-se por lá pouco mais de um anno e regressando á Europa, visitou a Belgica onde se doutorou em medicina. Chegando a Portugal foi reintegrado no seu posto e nomeado, em 1856, secretario geral do governo de Moçambique, de que era governador, ao tempo, o sr. Vasco Guepes. Quando voltou á metropole, no fim da sua commissão, fundou no Porto, de sociedade com Cruz Coutinho, o *Jornal do Porto*, de que foi redactor com o sr. José Luciano de Castro, actual presidente do conselho. Em 1860 voltou á Africa na qualidade de secretario do governador de Angola o conselheiro Sebastião Calheiros; n'este governo demorou-se tres annos. Depois fundou o *Jornal de Lisboa*, e foi seu redactor com Teixeira de Vasconcellos. Deputado ás côrtes por um dos circulos do ultramar, levantou no parlamento a celebre questão da venda de parte das nossas possessões africanas, argumentando que era melhor vender-mos as que não podiamos administrar, do que perdel-as sem proveito nenhum. N'isto Barbosa Leão não levava outra idéa que não fosse o amor da sua patria, que elle assim pensava beneficiar. Estas suas idéas foram mal recebidas pelo parlamento e pelo paiz. Entretanto a conferencia de Berlim principiou a dar-lhe razão. Nos ultimos annos Barbosa Leão dedicára-se, como dissemos, ao estudo de uma orthographia da lingua portugueza no sentido de facilitar a escripta, e a leitura afim de se escrever como se falla. A esta orthographia deu o nome de *sonica* e luctou por ella heroicamente, como uma idea fixa que o dominava. Se não conseguiu os resultados que desejava, estamos todavia certos de que o seu trabalho não ficará de todo improficuo para o futuro. Trabalhador sincero e honrado, deixa boa memoria de si.

Azulejos arabes. Foi descoberto no Castello de Abrantes, pelo sr. Ignacio Pereira Lacerda, uma porção de azulejos arabes, que se presume pertencerem á epocha mais avançada dos arabes em Portugal. Estes azulejos vão ser recolhidos no museu do Carmo, da Associação dos archi-tectos e Archeologos Portuguezes.

Duque Maximiliano da Baviera. Falleceu com 80 annos de idade Maximiliano José, duque de Baviera, pae da imperatriz d'Austria, e muito aparentado com a familia real portugueza. O duque de Baviera nasceu em Bamberg a 4 de dezembro de 1808, e era filho de Pio duque de Baviera e da duqueza Amelia, princeza de Aremberg. Casou, em 1828, com Luiza Guilhermina, princeza de Baviera, casamento de que nasceram oito filhos. O seu filho Carlos, duque de Baviera, desposou em 1874 a princeza D. Maria José de Bragança, filha de D. Miguel de Bragança. Sua filha, Carolina Therna Helena, casou com o principe Thurnet Taxis, cuja filha primogenita casou com D. Miguel de Bragança, filho d'aquelle. Seu filho Maximiliano desposou uma filha do principe Augusto de Saxe Coburgo Gotta e sobrinha de el-rei D. Fernando II de Portugal.

Sociedade de Geographia Commercial do Porto. Reuniu a assembléa geral d'esta sociedade, sob a presidencia do sr. dr. Azevedo Maia, a qual resolveu que se procedesse á liquidação da sociedade, visto o estado de decadencia em que se acha. Foi nomeada uma commissão, composta dos srs. dr. Azevedo Maia, Fernando Maia e Miguel Mattos, a fim de dirigir a liquidação. O sr. Fernando Maia propoz que se entregasse á camara municipal do Porto os volumes manuscriptos das viagens de Silva Porto, e que foram offerecidos á sociedade pelo benemerito explorador de Africa. O fim d'esta offerta é para que a camara, além de conservar os preciosos manuscriptos, lhes dê publicidade. É para lamentar que esta sociedade não podesse vingar, o que é symptoma pouco lisongeiro para o paiz, n'uma epocha em que as questões geographicas tanto preoccupam outras nações.

Temporal. O inverno principia com um rigor desusado em o nosso paiz, muito principalmente ao norte, onde já fez estragos enormes. No dia 9 do corrente principiou a manifestar-se um temporal horrivel nas nossas provincias do norte, sendo a cidade do Porto das que mais soffreu com as chuvas terrenciaes que cahiram, acompanhadas de vento rijo. O rio Douro trasbordou, e as ruas da cidade baixa foram alagadas, entrando a agua nas habitações. Houveram varias derrocadas e algumas casas ameaçam ruina. Os comboios do caminho de ferro não poderam funccionar durante quatro dias entre Lisboa e Porto, por se achar destruida a linha entre Estarreja e Ovar, em consequencia das aguas da chuva, que derrubaram barreiras. No meio de tão grande calamidade não ha, felizmente, a lamentar a perda de vidas, mas os prejuizos materiaes são muito importantes.

Escola d'artes e officios. Foi inaugurada em S. Vicente de Fóra uma nova escola d'artes e officios denominada *Patronagens de Aprendizes de S. Vicente de Paula*. Esta escola á similhança da *Officina de S. José* da cidade do Porto, propõe-se a ensinar creanças, nos officios de sapateiro, marceneiro e serralheiro. A direcção d'esta escola está confiada ao sr. dr. Elvino dos Santos, secretario do sr. cardeal patriarcha de Lisboa.

Baixos relevos. Levantou-se ultimamente uma questão curiosa sobre a propriedade de uns baixos relêvos que pertenceram ao convento de Odivellas, e que se acham em poder da sr.ª D. Maria da Conceição da Serra e Silva, que os herdou de seu pae, José Maria da Silva, commerciante de moveis e antiguidades, de que teve estabelecimento na calçada do Marquez de Abrantes. Estes baixos relêvos em numero de seis figuram na exposição d'Arte Ornamental, e o Occidente publicou em gravura a reproducção dos mesmos, como de uma das obras d'arte mais notaveis que se viam n'aquella exposição. O assumpto é sacro, representando os seis baixos relêvos a historia da Virgem Maria desde a Annunciação até á fugida para o Egypto. D'estes baixos relêvos, de que então se ignorava a proveniencia, tiraram-se cópias em gesso para o museu de Bellas Artes, e esta circumstancia é que deu logar á questão agora levantada pela proprietaria dos baixos relêvos, que reclamou uma indemnisação ao governo por terem tirado aquellas cópias que depreciavam o valor dos originaes. Quando vagou o convento de Odivellas e o director do museu de Bellas Artes, o sr. Thomaz Antonio da Fonseca, foi alli para escolher os objectos que deviam vir para o museu, notou que no altar de S. João, obra riquissima no coro do convento, faltavam quaesquer ornamentos, que tinham sido substituidos por apainelados de estuque ordinario, e inquerindo do caso, soube que no logar d'esses apainellados tinham existido uns baixos relêvos de grande merecimento artistico, os quaes foram vendidos pela abadessa sr.ª Anchieta, ha muito fallecida. Reconheceu-se emfim a proveniencia dos baixos relêvos que tinham figurado na exposição e tratou-se de indagar em que mãos agora paravam. A reclamação que o governo enviou á Academia de Bellas Artes para informar, veiu encontrar-se com as diligencias em que a mesma academia andava para descobrir o dono dos baixos relêvos, e isto fez levantar a curiosa questão sobre os direitos alegados pela proprietaria dos baixos relêvos, d'onde resultou o saber-se que elles effectivamente tinham sido vendidos ao pae da sr.ª D. Maria da Conceição da Serra e Silva, pela referida abadessa. É evidente que a abadessa dispoz d'aquillo sobre que não tinha direito de alienar, e portanto essa venda estava nulla em face da lei; entretanto a venda realisou-se ha cerca de 48 annos e portanto caducaram para todos os effeitos os direitos de revindicação, tendo proscripto. Como estes baixos relêvos, muitas coisas levaram o mesmo caminho do convento de Odivellas, incluindo preciosas alfayas e uns quadros de Grã-Vasco que existiam na capella-mór da egreja e que foram substituidos por umas telas velhas, sem valor artistico, etc.

Imperador da China. Completou 17 annos de idade o novo imperador da China, e sua mãe, que tem vellado por elle e pelo governo do imperio, resolveu, conforme o uso do paiz, o dar-lhe mulher ou mulheres, visto que póde ter mais que uma; Fez-se para isso convite ás mais formosas jovens do Celeste Imperio, para que se apresentassem no palacio de Pekin afim de ver quaes as preferidas. Apresentaram-se cêrca de cento e cincoenta, filhas da primeira aristocracia mandchona, mongolica e china. O mais curioso, porém, é que foi a imperatriz que escolheu as mulheres para o seu filho, e d'essa escolha resultou o serem preferidas seis jovens para esposas de primeira classe e vinte de segunda. Para principiar devem concordar que não é demasiada sobriedade.

Biographia do imperador Frederico III. Foi posta á venda em Londres a biographia de Frederico III. Segundo informa um correspondente d'aquella capital, n'esta biographia collaborou largamente a imperatriz Victoria, tendo ella propria emendado as provas de imprensa e escripto o prefacio do livro, e sendo o sr. Remell Rodd apenas o secretario. O original foi vendido ao editor por 150 libras, quantia que reverteu em beneficio do hospital de doenças de garganta, de Londres, além do editor ficar obrigado a dar ao mesmo hospital parte do producto da venda dos exemplares do livro.

Stenographia. N'um concurso de stenographos que se realisou em Caldwell, nos Estados Unidos, conheceu-se a prodigiosa rapidez a que attinge um bom tachygrapho. Em cinco minutos um tachygrapho escreveu 1:337 palavras, outro 1:308 e os demais 1:000. Uma machina tachygraphica apenas chega a escrever 108 palavras por minuto. N'este prodigio de agilidade, não sabemos que mais nos deve surprehender, se o tachygrapho, se o orador que elle seguiu. Coisas da America.

Remedio contra o phyloxera. Descobriu-se em França uma nova receita contra o phyloxera, a

qual tem sido applicada com bom resultado. Eis a receita: Em 10 litros de agua misturam-se 5 grammas de mercurio e 10 grammas de acido citrico. Com esta mistura rega-se o pé da cepa phyloxerada. Os resultados obtidos com esta receita affirma-se serem superiores aos de outras receitas até aqui usadas.

MONGE DE CISTER. O jornal hespanhol *El Dia*, qae se publica em Madrid, principiou a publicar, em folhetim, o celebre romance de Alexandre Herculano—*Monge de Cister*.

FREIRAS. Ha actualmente em Portugal 102 freiras professas.

NOVO VAPOR PARA SERVIÇO DO PORTO DE LOURENÇO MARQUES. O governo mandou fazer a Inglaterra um vapor para o serviço do porto de Lourenço Marques, ao qual será dado o nome de *Marechal Mac-Mahon*, em memoria d'aquelle general, quando presidente da republica franceza, ter sido o arbitro entre Portugal e a Inglaterra sobre a nossa posse difinitiva de Lourenço Marques.

MODIFICAÇÃO NA ARMA KROPATSCHEK. O sr. Alvaro Antonio, segundo sargento da armada, conseguiu uma modificação importante na arma Kropatschek em uso no nosso exercito. A modificação é o abrir um pequeno orificio na parte da coronha sobre que assenta o guarda matto, permittindo que se realise facilmente a substituição da mola, que frequentes vezes se quebra e que é indispensavel para que a arma funccione. Esta modificação vae ser estudada e depois adoptada nas armas do nosso exercito.

DAVID DE CASTRO. Falleceu no Porto o sr. David Augusto Borges de Alvim Moraes e Castro, filho dos barões de Nevogilde, que foram senhores do palacio dos Carrancas, hoje propriedade da casa real que o comprou. O sr. David de Castro morreu pobre, apesar de descender de uma familia nobre e rica. Foi um elegante do Porto que viveu sempre na melhor sociedade, onde era muito estimado. Escreveu um livro de versos que publicou com o titulo de *Vislumbres*, mas ultimamente dedicára-se ao estudo da magia de que era um amador muito distincto. Sobre esta arte deixa dois interessantes livros, o *Thesouro de Magia*, publicado ha dois annos pela casa editora David Corazzi, e *Carteira de Satan*, editado modernamente pelo sr. Lugan & Genelioux do Porto.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Marrocos, por Edmundo de Amices, com desenhos originaes de E. Ussi e G. Biseo, traducção de Manuel Pinheiro Chagas. David Corazzi, editor, Lisboa. A notavel reputação que esta obra alcançou no mundo litterario, como um dos mais interessantes livros de viagens que se tem publicado, dispensa o encarecermos aqui as suas qualidades. As descripções de viagens são sempre de grande attractivo para o leitor e muito mais quando ellas se referem a paizes de costumas e viver tão caracteristicos como Marrocos ou Constantinopla, de que o autor tambem se occupa em outro volume que' simultaneamente com aquelle será publicado. A traducção d'esta bella, obra de Amices por Pinheiro Chagas, é a mais segura garantia de que as bellezas da lingua do Dante terão brilhante interpretação na lingua de Camões. É pois um livro que vae deveras interessar o publico que lê.

Elementos para a Historia do municipio de Lisboa, por Eduardo Freire d'Oliveira. Lisboa. Folhas 33 a 35 do tomo III.

Revista das Sciencias Militares *fundada por Antonio Alfredo Barjona de Freitas, capitão de estado-maior e José Manuel Rodrigues, 1.º tenente de artilheria, da Academia Real das Sciencias de Lisboa*. Director J. Renato Baptista, capitão de engenheria, etc. Lisboa. Fasciculo n.º 35, vol. VI. Esta revista, a primeira que no seu genero se publica em Portugal, pela importancia e boa escolha dos artigos, tem sahido agora regularmente, depois de um interregno de alguns mezes, motivado por caso de força maior. O summario do ultimo n.º é o seguinte: *Memoria militar* escripta em 1809 pelo major do real corpo de engenheiros, José Maria das Neves Costa; *Tactica de combate e serviço da cavallaria em campanha*, por um official do corpo de estado-maior; *Os quarteis e a Hygiene*, por J. Renato Baptista; *Noticias bibliographicas*; *Boletim bibliographico*; *Noticias militares*; *Boletim metereologico*.

Grande Diccionario Contemporaneo *francez-portuguez e portuguez-francez*, por Domingos de Azevedo, revisto por Luiz Filippe Leite, vice reitor do lyceu de Lisboa, prefaciado por Camillo Castello Branco. Antonio Maria Pereira editor, Lisboa. Acha-se publicado até á folha 58, ultima que recebemos, a qual alcança a pag. 928 do 2.º vol. *portuguez-francez*. A superioridade d'este diccionario aos até hoje publicados é incontestavel; já aqui o temos dito e repetimos. É o guia mais seguro e completo para os que estudam e fazem uso da lingua franceza, porque todos os vocabulos são acompanhados das regras grammaticaes e suas excepções, podendo ser consultado com proveito, resolvendo muitas difficuldades. São estas as grandes qualidades, que praticamente temos encontrado no *Diccionario contemporaneo* do sr Domingos de Azevedo.

O MUSEU DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA (Segundo uma photographia de J. M. dos Santos)

TYP. CASTRO IRMÃO — Rua do Marechal Saldanha 31 — Lisboa